

A cara de quem está chegando

Paulo Zilberman



Relatório mostra perfil dos alunos que entram na Universidade: 54% dos calouros são mulheres, 53% vêm de famílias com renda mensal abaixo de 10 salários mínimos e 44% cursaram o ensino médio público.

(Pág. 8 e 9)

Expansão de vagas

Convênios de novas unidades são assinados

(Pág. 3)

Laboratórios didáticos

Investimento de R\$ 12 milhões até 2004

(Pág. 15)



Quirino, Domingos, Lima e Ribeiro: medalhistas olímpicos

Atletismo

Presidente Prudente terá Centro de Alto Rendimento

(Pág. 11)



Reprodução catálogo O chão de Graciliano, SESC

Os passos de Graciliano

Cinquenta anos após a sua morte, a linguagem seca do Mestre sobrevive

(Pág. 16)

Dever cumprido

Uma das principais funções das instituições públicas é contribuir para que a sociedade em que se inserem seja socialmente mais justa e equilibrada. Essa questão ganha relevância quando se verifica a necessidade de expandir o ensino superior no País. Basta verificar que, nos vestibulares de 2002, as universidades públicas brasileiras ofereceram aproximadamente 245 mil vagas, disputadas por cerca de 5,1 milhões de candidatos, e que projeções realizadas pelo MEC apontam que, em 2009, haverá cerca de 400 mil vagas no vestibular para uma demanda de 15,2 milhões de jovens entre 18 e 25 anos.

Sabe-se ainda que cerca de 69% do total de 3 milhões de matrículas no ensino superior realizadas no País, em 2001, ocorreram nas instituições privadas. Especificamente no Estado de São Paulo, o ensino superior público paulista é responsável por apenas 5,8% das vagas oferecidas. Em vista desse panorama, o Conselho de Reitores das Universidades Estaduais de São Paulo (Cruesp), em janeiro de 2001, com respaldo do Governo Estadual, propôs, de maneira inédita, uma política conjunta entre as universidades estaduais paulistas (UNESP, USP e Unicamp) para a ampliação de vagas.

Foi nesse contexto que, em fevereiro último, assinei, com enorme satisfação de dever cumprido e de estar participando de um momento histórico para a Universidade, junto com o governador Geraldo Alckmin e prefeitos, os convênios para a implantação das unidades diferenciadas de Rosana e Dracena, onde serão oferecidos, respectivamente, os cursos de Turismo e Zootecnia.

Como demonstração de confiança no trabalho de expansão realizado pelo Cruesp e, particularmente pela UNESP, recebi ainda, do governador do Estado, na assinatura do convênio em Dracena, a notícia da liberação de mais R\$ 68 milhões, além dos R\$ 50 milhões concedidos em 2002, para o Programa de Expansão. Trata-se de um estímulo e da garantia de que a ampliação de vagas continuará.

Cabe lembrar que a UNESP vem trabalhando muito para essa expansão. Com um projeto elaborado com competência técnica e realismo, entre 2001 e 2003, a Universidade abriu 9.730 vagas, com 5.142 vagas do Pedagogia Cidadã, 3.133 do PEC – Formação Universitária, 810 em cursos novos, 300 em cursos já existentes e 345 em oito unidades diferenciadas, criadas em regiões do Estado de São Paulo sem ensino superior público, nas quais são oferecidos cursos que respeitam a vocação de cada região que receberá o *campus*.

Ao longo de 2003, daremos continuidade ao nosso objetivo de promover a expansão do ensino público com qualidade e responsabilidade, formando profissionais, pesquisadores e professores de ensino básico e médio voltados para as necessidades do País e preparados para enfrentar os desafios nacionais e internacionais nas mais diferentes áreas do conhecimento.

José Carlos Souza Trindade

Universidade e responsabilidade social

BENEDITO BARRAVIERA

A UNESP é constituída do tripé ensino, pesquisa e extensão. Trata-se de um conjunto harmônico e indissociável, pois é impossível trabalhar numa dessas áreas sem estabelecer parcerias com as outras. A composição equilibrada deste tripé permite a formação não apenas de melhores profissionais, mas também de indivíduos capazes de exercer a cidadania plena.

Analisando pormenorizadamente o tripé ensino, pesquisa e extensão, observamos algumas distorções que necessitam urgente correção de rota, sob pena de desequilibrarmos a universidade e não conseguirmos mais a formação de um verdadeiro cidadão.

Assim, o nosso docente deve trabalhar pelo menos 8 horas por semana ensinando os seus alunos da graduação. Esta, principal objetivo-fim da Universidade, tem recursos disponíveis do próprio Estado. Além disso, o docente pode dedicar-se até 8 horas por semana à extensão universitária. Isto se, após um trâmite burocrático intenso, os diversos conselhos permitirem, pois, além de ter um orçamento limitado, a extensão ainda não dispõe de fontes alternativas de recursos.

O docente, se quiser, pode dedicar-se pelo menos 32 horas ou mais por semana à pesquisa. Ainda é permitido, se assim o desejar, candidatar-se a uma bolsa de produtividade em pesquisa do CNPq, sem a necessidade da anuência dos conselhos. Esta bolsa, além de proporcionar ao docente recursos alternativos, permite também recheir o seu currículo com um belo índice. A pesquisa ainda conta com o estímulo da Universidade, de fontes de fomento estaduais e federais, além de agências gerenciadoras da pesquisa.

O tripé, portanto, está desequilibrado. Dentro do contexto que se apresenta, ministrar aula na graduação tornou-se uma obrigação; e fazer pesquisa tornou-se a única maneira de galgar postos na carreira universitária. E a extensão? Bem, esta infelizmente está contemplada em apenas uma linha nos relatórios universitários: "Prestou serviços de extensão universitária".

É preciso rever esta situação, já que a sociedade atual está realmente preocupada com o destino das Universidades Públicas, principalmente em dois pontos: quer o aumento no número de vagas que permitam novas oportunidades para os seus filhos; e quer o retorno da Universidade em forma de serviços e benefícios. Torna-se, assim, evidente a necessidade



Senectro, Paul Klee

de uma política extensionista rápida, agressiva e objetiva, com especial participação da comunidade. Feito este diagnóstico, alguns pontos devem ser corrigidos no âmbito da extensão:

1 - Valorização da extensão universitária

Necessitamos convencer os nossos colegiados da necessidade da valorização das atividades extensionistas, que, na maioria das vezes, envolvem uma mudança comportamental, especialmente para os programas que se relacionam intimamente com a comunidade.

2 - Criação de fontes de fomento

Necessitamos urgentemente da criação de fontes governamentais de fomento para a extensão universitária. Acredito que este seja o maior gargalo na valorização da extensão. A realização do 2º Congresso de Extensão da UNESP, em novembro último, por exemplo, só foi possível graças à intervenção da nossa Universidade, das nossas Fundações e das empresas patrocinadoras.

Neste sentido, não vejo nenhum problema em se criar agências oficiais de fomento dedicadas integralmente à Extensão Universitária, mesmo porque as existentes têm metas, objetivos e finalidades que não a contemplam.

Um indicador desta latente necessidade foi a recente entrega formal do Programa de Responsabilidade Social das Universidades Públicas do Estado de São Paulo ao então secretário de Ciência e Tecnologia Ruy Altenfelder, que se mostrou sensibilizado e satisfeito com a iniciativa da UNESP. Em última análise, o que queremos é uma Agência de Fomento dedicada exclusivamente à extensão universitária.

Apesar de todos os problemas e desafios apresentados neste diagnóstico da extensão universitária, ela continua sendo necessária e manifesta, a cada dia, a sensação do dever cumprido.

Benedito Barraviera é Pró-Reitor de Extensão Universitária da UNESP.



GOVERNO DO ESTADO DE
SÃO PAULO
CUIDANDO DE GENTE

Governador: **Geraldo Alckmin**

SECRETARIA DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA,
DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E TURISMO
Secretário: **João Carlos de Souza Meirelles**

unesp

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Reitor: José Carlos Souza Trindade
Vice-reitor: Paulo Cezar Razuk
Pró-reitor de Administração: Roberto Ribeiro Bazilli
Pró-reitor de Graduação: Wilson Galhego Garcia
Pró-reitor de Pós-Graduação e Pesquisa: Marcos Macari
Pró-reitor de Extensão Universitária: Benedito Barraviera

Secretário Geral: Osvaldo Aulino da Silva
Chefe de gabinete: Luiz Antonio Vane
Assessoria de Informática: Adriano M. Cansian e Gérson Francisco
Assessoria Jurídica: Sandra Julien Miranda
Assessoria de Planejamento e Orçamento: Herman Cornelis Voorwald
Assessoria de Relações Externas: José Afonso Carrijo de Andrade
Diretores das Unidades Universitárias: Francisco Antonio Bertoz (FO-Araçatuba), Luiz Marcos da Fonseca (FCF-Araraquara), Ricardo Samih Georges Abi Rached (FO-Araraquara), José Antonio Segatto (FCL-Araraquara), Elizabeth Berwerth Stucchi (IQ-Araraquara), João da Costa Chaves Junior (FCL-Assis), José Carlos Plácido da Silva (FAAC-Bauru), José Brás Barreto de Oliveira (FC-Bauru), Lauro Henrique Mello Chueiri (FE-Bauru), Carlos Antonio Gamero (FCA-Botucatu), Marilza Vieira Cunha Rudge (FM-Botucatu), José Roberto Corrêa Saglietti (IB-Botucatu), Luiz Carlos Vulcano (FMVZ-Botucatu), Hélio Borghi (FHDSS-Franca), Guilherme Eugênio Filippo Fernandes Filho (FE-Guaratinguetá), Vicente Lopes Júnior (FE-Ilha Solteira), José Antonio Marques (FCAV-Jaboticabal), Kester Carrara (FFC-Marília), Neri Alves (FCT-Presidente Prudente), Massanori Takaki (IB-Rio Claro), Maria Rita Caetano Chang (IGCE-Rio Claro), Maria Dalva Silva Pagotto (Ibilce-São José do Rio Preto), Maria Amélia Máximo de Araújo (FO-São José dos Campos) e Marisa Trench de Oliveira Fonterrada (IA-São Paulo).

Jornal unesp

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA - Març/2003 - Ano XVII - Nº 175

Assessor chefe: Cesar Mucio Silva
Editor: Oscar D'Ambrosio
Redação: Genira Chagas
Fotografia: Regina Agrella
Programação Visual: J&I Artes Gráficas
Colaboraram nesta edição: André Louzas, Laura Carneiro e Júlio Zanella (texto); Amancio Chiodi (fotografia); Artur Lopes, Brancalioni e Paulo Zilberman (ilustração).
Produção: Mara Regina Marcato
Revisão: Maria Luiza Simões
Tiragem: 25.000 exemplares

Este jornal, órgão da Reitoria da UNESP, é elaborado mensalmente pela Assessoria de Comunicação e Imprensa (ACI). A reprodução de artigos, reportagens ou notícias é permitida, desde que citada a fonte.

Endereço: Alameda Santos, 647, 4º andar, CEP 01419-901, São Paulo, SP. Telefone (0xx11) 252-0323. Fax: (0xx11) 252-0207. E-mail para contato com ACI e para a solicitação de alteração de mala direta: aci@reitoria.unesp.br
home-page: <http://www.unesp.br/jornal/>
Fotolito e Impressão: Art Printer Gráficos Ltda.

EXPANSÃO

Passos importantes

Universidade assina convênios para implantar unidades diferenciadas de Rosana e Dracena

Com as assinaturas dos convênios de parceria com o Governo do Estado de São Paulo e as prefeituras de Dracena e Rosana, a UNESP deu, em fevereiro último, passos decisivos para efetivar o seu programa de expansão em regiões paulistas carentes de ensino superior público gratuito. Também recebeu a excelente notícia de que o Governo do Estado liberou recursos extra-orçamentários de R\$ 68 milhões, em 2003, para o Programa de Expansão de Vagas das três universidades públicas paulistas. “Foram momentos históricos que concretizam a nossa responsável proposta expansionista de criar novas vagas, cursos e unidades sem abrir mão da qualidade de ensino”, avalia o reitor José Carlos Souza Trindade.

Dia 14, durante o “I Fórum São Paulo: Governo Presente”, realizado em Presidente Prudente, perante cerca de 1.200 pessoas, entre secretários estaduais, prefeitos, vereadores, lideranças políticas e comunitárias, foi assinado o convênio para a implantação da unidade diferenciada de Rosana, onde vai funcionar o curso de Turismo, com ênfase em Ecoturismo.

“É com satisfação que vejo a UNESP aumentar a sua penetração no Estado”, afirmou o governador. “A instalação das novas unidades da UNESP está de acordo com a nossa política de

desenvolvimento regional, que pretende atender preferencialmente as regiões mais carentes.”

Após a solenidade, Trindade considerou o dia um marco inesquecível para a



Reitor com alunas do Pedagogia Cidadã: ampliação de vagas



Presidente Prudente: 1.200 pessoas no Fórum São Paulo

Universidade. “Com a assinatura de cada convênio, o Programa de Expansão concluiu uma etapa importante. Os próximos passos, que já estão sendo dados, incluem a construção ou adequação dos prédios, a



Trindade, Alckmin e Stellato: assinatura em Dracena

contratação de docentes e a licitação para a compra de equipamentos”, afirmou.

Para isso, foi editada, em 8 de janeiro, uma Portaria criando a Comissão Especial de Implantação das Unidades Diferenciadas (Ceuid). Presidida pelo pró-reitor de Administração, Roberto Ribeiro Bazilli, ela está encarregada de coordenar a implantação das unidades diferenciadas. “Já estão em processo de elaboração licitações para a contratação de aquisição de mobiliário e de equipamentos de informática para laboratórios didáticos”, informa o pró-reitor.

No dia 15, em Dracena, foi assinado o convênio para a implantação da Unidade Diferenciada naquele município, que vai abrigar o curso de Zootecnia, com ênfase em Agronegócio. Durante a cerimônia, o governador Geraldo Alckmin anunciou a liberação de recursos extra-orçamentários de R\$ 68 milhões para 2003, garantindo, assim, a continuidade do Programa de Expansão de Vagas. “É uma manifestação de confiança do Gover-

no Estadual no Plano de Expansão que estamos desenvolvendo”, avalia o reitor.

Em visita ao terreno junto à Escola Técnica Paula Souza, onde será estabelecida a nova unidade, Trindade ouviu do prefeito de Dracena, Elzio Stellato Júnior, que as obras para a implantação do campus seriam iniciadas ainda em fevereiro. “Todo o cronograma será acompanhado por uma comissão formada pela Assessoria de Planejamento e Orçamento da Reitoria”, explicou o reitor.

Ao conversar com um grupo de professoras que realizam o curso Pedagogia Cidadã, criado pela UNESP na região, Trindade lembrou a superação da meta inicial de ampliação de vagas. “Queríamos criar mil em quatro anos, mas, incluindo o Pedagogia Cidadã, chegamos, em 2003, a mais de 9 mil novas vagas. Estamos implantando, portanto, um programa de grande alcance social”, disse.

Para o Secretário de Estado de Ciência, Tecnologia, Desenvolvimento Econômico e Turismo do Estado de São Paulo, João Carlos de Sousa Meirelles, presente às duas assinaturas, o Programa de Expansão de Vagas da UNESP está redimensionando a UNESP no Estado. “Ela está se tornando a verdadeira Universidade do Estado de São Paulo, levando conhecimento de qualidade para todos os cantos do Estado.”

VISITA

Políticas públicas

Secretário propõe ações conjuntas



Meirelles na Reitoria: demandas regionais

Em visita à Reitoria da UNESP, em janeiro último, o Secretário de Estado de Ciência, Tecnologia, Desenvolvimento Econômico e Turismo do Estado de São Paulo, engenheiro João Carlos de Sousa Meirelles, acompanhado do secretário-adjunto, Oswaldo Massambani, destacou a importância do estreitamento das relações entre as duas instituições para atender às demandas nas várias regiões do Estado, principalmente no que diz respeito à oferta de trabalho e renda. “A UNESP vem realizando ações importantes para o desenvolvimento do Estado”, declarou o secretário.

Meirelles citou, entre outros exemplos, a criação pela Universidade de oito unidades diferenciadas em localidades desprovidas de instituições públicas de ensino superior e o Projeto Pedagogia Cidadã. Profundo conhecedor da UNESP, por ter ocupado a pasta da Agricultura durante quatro anos e meio (1998 a 2002), o secretário ressaltou a necessidade de a instituição participar vigorosamente como parceira do Estado. “Isso pode ocorrer em ações regionais, junto a consórcios e associações de municípios no diagnóstico da demanda de infra-estrutura necessária”, afirmou.

Durante o encontro, a UNESP forneceu ao secretário informações sobre a sua atuação nas áreas de ensino, pesquisa e extensão. Foram apresentados números, realizações, evoluções e inovações de amplo alcance social, mostrando a contribuição da universidade pública à sociedade. “Estamos aptos e dispostos a propor políticas públicas voltadas para grandes temas de interesse nacional, como preservação ambiental, segurança, emprego, agronegócios, gestão urbana e desenvolvimento sustentável, colocando nosso conhecimento a serviço da superação das desigualdades entre os cidadãos”, concluiu Trindade.

METEOROLOGIA

Parceria no Nordeste

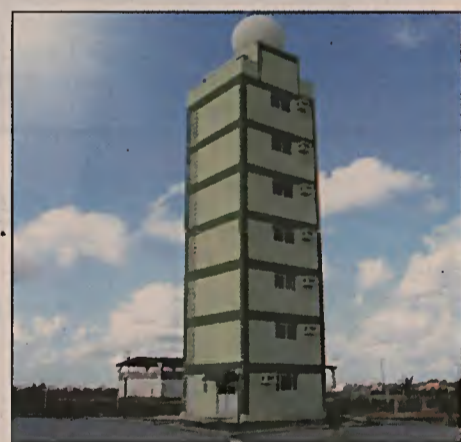
Universidade inaugura Sistema de Radar

Auxiliar nas previsões de tempo para prevenir catástrofes, permitir um planejamento adequado para a agricultura e facilitar operações em portos e aeroportos são algumas das vantagens trazidas pelo novo Sistema de Radar Meteorológico de Alagoas. Instalado no campus da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), em Maceió, o sistema tornou-se possível por meio de um convênio com a Universidade Estadual Paulista (UNESP). O radar é o segundo deste tipo no País. Na cerimônia de inauguração, em janeiro último, a UNESP foi representada pelo reitor José Carlos Souza Trindade e pelo diretor do Instituto de Pesquisas Meteorológicas (IPMet) – unidade complementar do campus da UNESP de Bauru –, Maurício de Agostinho Antonio, entre outras autoridades.

“O radar fará o monitoramento de chuvas nos Estados de Alagoas, Sergipe e em parte de Pernambuco”, informou o reitor. “Além de beneficiar as usinas de açúcar, que apóiam financeiramente o projeto, o novo sistema auxiliará também o turismo e, principalmente, a Defesa Civil”, completou Ricardo Sarmento Tenório, coordenador geral do projeto e professor do Departamento de Meteorologia da UFAL.

Para ser instalado, o sistema de radar recebeu um transmissor/receptor, um console e um pedestal de antena, cedidos pelo IPMet, um refletor de antena, adquirido pelo Sindicato da Indústria do Açúcar e do Alcool no Estado de Alagoas (Sindaçúcar/AL), e um módulo de digitalização cedido pela Universidade Paul Sabatier (França). “O acordo foi extremamente proveitoso para ambas as Universidades”, disse Agostinho.

Além de reutilizar os equipamentos que, até então, não estavam sendo utilizados em Bauru, o IPMet amplia, com esta inauguração, a sua área de pesquisa em meteorologia com radar e estabelece um intercâmbio técnico-científico com o Estado de Alagoas. “A parceria entre as duas Universidades não se limita à operação do radar. Além das pesquisas conjuntas, a UFAL também oferece cursos de mestrado, nos quais participam, como alunos, técnicos do IPMet de Bauru”, concluiu o reitor da UNESP.



Torre em Maceió: acordo proveitoso

CENTROS DE ENSINO

Reunião em Brasília

Trindade tem audiência com ministro da C&T

Intercâmbio com a China

Em sua viagem a Brasília, o reitor José Carlos Souza Trindade também se reuniu, em 21 de janeiro, na sede da embaixada chinesa, com assessores do Ministro de Ciência e Tecnologia, técnicos do Ministério das Relações Exteriores e funcionários da representação da China Popular no Brasil.



Marilza (ao centro): assistência médica

Na reunião, foram discutidos os detalhes para a futura celebração de uma Carta de Intenções, sob tutela do Governo Federal, entre a UNESP e a Universidade de Pequim. Onze dias antes, uma delegação de administradores públicos de cidades da Província de Guangxi, no sul da República Popular da China, havia visitado a Faculdade de Medicina da UNESP, campus de Botucatu. Os chineses foram recebidos pela diretora da instituição, Marilza Vieira Cunha Rudge. "Eles se interessaram especialmente pelos programas que desenvolvemos nas áreas de pesquisa e no campo da assistência médica familiar", diz a diretora.

O governo federal pretende ampliar o papel das universidades públicas na tarefa de diminuir as diversidades regionais. Esse foi o ponto principal da reunião entre o Ministro da Ciência e Tecnologia (C&T), Roberto Amaral, e o reitor da UNESP, José Carlos Souza Trindade, realizada em janeiro último, em Brasília. "Nossa proposta é implantar programas de intercâmbio entre os centros de ensino e pesquisa das várias áreas de conhecimento, que estão sediados em quase todos os Estados brasileiros", afirmou o ministro.



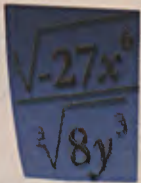
Amaral: programas de intercâmbio

Na oportunidade, Joel Spadaro, vice-diretor da Faculdade de Medicina (FM) da UNESP, campus de Botucatu, apresentou os trabalhos desenvolvidos pela Faculdade nas áreas de ensino, pesquisa e atendimento de saúde à comunidade. "Na reunião, foi relatada a nossa experiência nos programas desenvolvidos pelos núcleos de ensino a distância da UNESP, como o existente na FM", diz o vice-diretor.

LEITURA DINÂMICA

MATEMÁTICA

Editor associado da revista *Computational and Applied Mathematics*, de circulação mundial, o matemático José Manoel Balthazar, chefe do Departamento de Estatística, Matemática Aplicada e Computação do Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE), campus de Rio Claro, é o único representante da UNESP no corpo editorial da publicação, composto por docentes de instituições nacionais e internacionais. A revista, publicada em inglês e especializada na difusão de trabalhos das áreas de Matemática Aplicada e Ciências, conta com três números anuais e tiragem de cerca de 700 mil exemplares. "A linha editorial é aberta a textos de colaboradores que contenham aplicações e resultados relevantes à área", afirma. "A representação da UNESP no comitê é muito importante", diz Balthazar. "É uma oportunidade de divulgação da instituição, tanto nacional quanto internacionalmente". Informações sobre a revista podem ser obtidas em: jmbaltha@rc.unesp.br



RELAÇÕES PÚBLICAS

Para atualizar o site da Associação Brasileira de Dekasseguis (ABD), que fornece informações sobre impostos, legislação e comportamento necessárias para brasileiros descendentes de japoneses que exercem trabalho temporário no Japão (os *dekasseguis*), a relações públicas Camila Nagai obteve a nota máxima em seu projeto final do curso de Relações Públicas na Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (Faac) da UNESP, campus de Bauru. Intitulado *Desenvolvimento de um novo site como instrumento de comunicação à comunidade dekassegui*, o trabalho foi uma oportunidade de refletir sobre a vida desses trabalhadores. "Dekassegui é uma palavra de origem japonesa que significa 'trabalhar fora de casa'", conta. "A vida no Japão é muito dura. O que mantém esses brasileiros lá é o ideal de voltar ao Brasil", afirma Camila. O site pode ser acessado em www.abdekassegui.com.br

GESTÃO AMBIENTAL

Devido à competência de seus docentes e pesquisadores, a UNESP precisa aumentar sua participação no Conselho Estadual do Meio Ambiente (Consema), órgão no qual representantes de instituições do governo e de ONGs discutem problemas e medidas na área de gestão ambiental no Estado de São Paulo. Esse é o importante apelo à comunidade unespiana da bióloga Maria Inez Pagani docente do Departamento de Ecologia do Instituto de Biociências (IB) da UNESP, campus de Rio Claro, que, desde 1998, representa a Universidade no órgão. "Precisamos conscientizar os nossos docentes da importância de participarem no Conselho", afirma. Os interessados podem entrar em contato com a bióloga pelo telefone (0xx19) 3526-4145 ou pelo e-mail pagani@horizon.com.br

GEOGRAFIA

Após focar os temas meio ambiente; percepção ambiental; e economia, legislação e educação ambiental; o mais recente volume da revista *Olam: Ciência & Tecnologia*, editada em padrão eletrônico (CD-ROM), tem como foco de suas atenções a "Conservação Ambiental: visões multidisciplinares". A publicação, lançada em novembro último, reúne 15 ensaios sobre engenharia, clima, desenvolvimento sustentável, unidades de conservação, fauna e flora, tratando de tópicos como "A mudança do clima e suas implicações" e "Animais silvestres no mercado de animais de estimação". "Os trabalhos publicados atendem a preocupações de profissionais ligados a questões socioambientais, tanto no campo acadêmico quanto empresarial, contribuindo para a difusão de conhecimentos teóricos e técnicos interdisciplinares", afirma a editora da revista, a geógrafa Solange de Lima Guimarães, do Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE) da UNESP, campus de Rio Claro. Informações: (0xx19) 3524-7156 e editores@olam.com.br



PÓS-GRADUAÇÃO

Educação para a Ciência

Doutorado em Bauru

A Faculdade de Ciências (FC), campus de Bauru, oferece, a partir de 2003, o seu primeiro curso de pós-graduação em nível de doutorado. Credenciado pela Comissão de Aperfeiçoamento Pessoal de Ensino Superior (Capes), órgão responsável pela avaliação dos cursos de pós-graduação, o curso tem como finalidade a pesquisa sobre a Ciência, a Educação e as Relações entre o Saber Científico e o seu Ensino, de modo a incentivar a reflexão sobre os processos envolvidos na construção de conhecimentos científicos e tecnológicos.

Para a pedagoga Ana Maria Lombardi Daiben, coordenadora do novo curso, o grande diferencial do Programa será o investimento em pesquisas nas áreas de Ensino em Ciências. Embora esteja concentrado em áreas científicas, como Biologia, Química



Incentivo à reflexão: construção de conhecimento científico

e Matemática, ele é aberto a trabalhos em Psicologia e Pedagogia, entre outros setores do conhecimento. "Os estudos a serem realizados certamente contribuirão para a produção de um corpo próprio de conhecimentos filosóficos, científicos e pedagógicos", afirma. Informações: www.fc.unesp.br/pos/index.html ou pgfc@fc.unesp.br

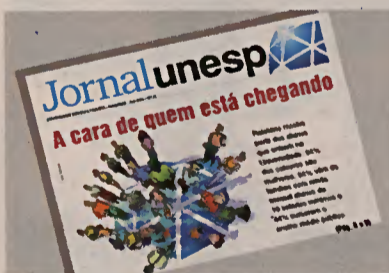
PROGRAMAÇÃO VISUAL

Jornal de cara nova

Logotipo expressa solidez e seriedade

A partir desta edição, o *Jornal da UNESP* muda de nome e de cara. No intuito de oferecer uma imagem renovada, sem perder o compromisso com a qualidade de informação e o objetivo de divulgar as mais diversas atividades da universidade, em todas as áreas do conhecimento, apresenta seu novo logotipo, no qual, em nome de uma melhor programação visual, a preposição "de" é suprimida. O criador do logotipo é o designer gráfico e ilustrador Elias de Carvalho Siqueira, que já teve caricaturas selecionadas para o consagrado Salão Internacional de Piracicaba. Graduado na Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da UNESP, campus de Bauru, trabalha na Área de Projeto do Grupo Técnico de Obras e Equipamentos da Assessoria de Planejamento (Goe/Aplo). "Ao utilizar o branco no topo da página, o logotipo proporciona arejamento e enquadramento, reforçando a legibilidade do logotipo e do cabeçalho", explica.

Responsável pela concepção, projeto gráfico e diagramação do *Manual de Uso - Programa de Identidade Visual da UNESP*, oficialmente instituído pela Portaria UNESP nº 60, de 11 de fevereiro de 2003, Elias busca sempre captar a filosofia e as necessidades dos clientes, concretizando-as em signos visuais. "No logotipo do agora *Jornal Unesp*, busquei uma linguagem visual clássica e sintética, que expressa solidez e seriedade", explica. "Utilizei ainda os tipos Chartes BT e Swiss 721 BT, alfabetos institucionais da UNESP. Isso reforça a sua imagem corporativa", completa.



UNESP na Imprensa

Realizado pelo Assessorio de Comunicação e Imprensa, o *UNESP na Imprensa* é um bolonço de reportagens, artigos e entrevistas divulgados em jornais, revistas, rádios, televisões ou portais que citam notícias institucionais envolvendo a Universidade ou docentes, alunos ou servidores técnicos administrativos da instituição. Distribuído, desde julho de 2001, mensalmente via listas e e-mail, o diretores e docentes, possuiu, em fevereiro último, a estor disponível, semanalmente, no home page do Portal UNESP. O acesso direto é www.unesp.br/oci/clipping/index.htm



TRABALHO

Na boca do forno

Carvoeiros são expostos a substâncias prejudiciais à saúde

A produção artesanal de carvão vegetal no Estado de Mato Grosso do Sul é responsável pelo sustento de cerca de dez mil trabalhadores, que atuam em condições precárias, não utilizam equipamentos de proteção e tampouco usufruem das conquistas trabalhistas garantidas pela Legislação. “Na vida diária, eles são expostos a substâncias irritantes e potencialmente cancerígenas, que também podem causar mutação genética”, afirma a química Nilva Ré-Poppi, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), que elaborou tese de doutorado sobre o tema, orientada pela também química Mary Rosa Santiago da Silva, do Departamento de Química Analítica do Instituto de Química (IQ) UNESP, campus de Araraquara.

O estudo promoveu uma simulação das condições de trabalho dos carvoeiros, que produzem carvão vegetal, utilizado em metalúrgicas e churrascarias, a partir do eucalipto (*Eucalyptus sp.*). As pesquisadoras constataram que a queima do eucalipto é responsável por liberar no ar 146 diferentes substâncias químicas. Dos compostos, 80 são da classe dos hidrocarbonetos aromáticos policíclicos. “Entre eles, alguns podem causar câncer – seis por causa de suas quantidades elevadas e outros por seu potencial para desencadear a doença”, afirma Mary.

A docente do IQ explica que a queima



Queima de eucalipto: Mary Rosa (detalhe) aponta liberação de compostos cancerígenos

incompleta de matéria orgânica, como ocorre no processo de produção do carvão, resulta em compostos cancerígenos como os benzoatrânicos, os benzofluorantenos e os dibenzoantrânicos, todos da classe dos hidrocarbonetos policíclicos aromáticos. “Outras partículas sólidas, como os fenóis e ácidos carboxílicos, também estão entre os poluentes liberados na combustão do eucalipto e são prejudiciais aos trabalhadores por serem substâncias irritantes”, acrescenta.

Os componentes foram identificados por meio de duas técnicas de análise acopladas – a cromatografia e a espectrometria de massas. A primeira separa os compostos orgânicos e a segunda identifica as substân-

cias que eles contêm. De acordo com a docente Mary, a concentração de poluentes pode variar, dependendo da espécie da árvore, da temperatura da combustão e do tempo que o fogo fica aceso. “No entanto, a amostragem feita a cerca de 1,5 m do forno, distância aproximada em que os carvoeiros operam, não é suficiente para determinar a quantidade de substâncias inaladas que chegam ao aparelho respiratório do trabalhador. Por isso, há a necessidade de realizar estudos complementares”, afirma.

Segundo Mary, ainda não é possível definir até que ponto a saúde dos carvoeiros é afetada pela atividade que exercem. “Embora tenhamos encontrado substâncias potencialmente carcinogênicas e mu-



tagênicas na fumaça dos fornos, somente um acompanhamento médico-epidemiológico poderá avaliar como os trabalhadores podem estar sendo afetados por essas substâncias”, conclui.

PARASITOLOGIA

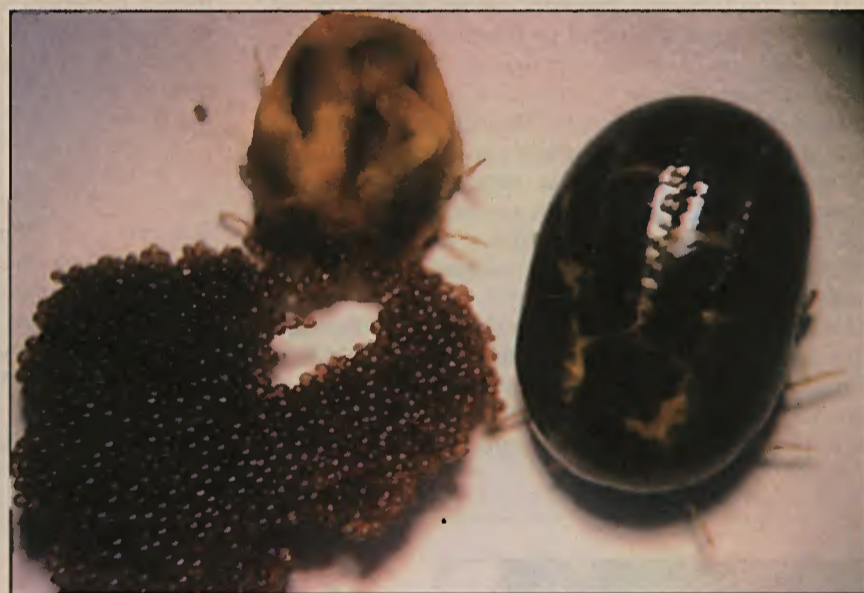
Carrapatos prejudicam carne

Jaboticabal desenvolve vacina

Tão pequenos – atingem, no máximo, o diâmetro de 25 mm – quanto danosos – pois são parasitas e transmissores de doenças –, os carrapatos atrapalham a vida financeira de muitos pecuaristas, causando a perda na produção de carne, de leite e de couro. Para reverter esse quadro, o médico veterinário Gervásio Bechara, do Departamento de Parasitologia Veterinária da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias da UNESP, campus de Jaboticabal, coordena um trabalho que procura substâncias com potencial imunológico produzidas no organismo do carrapato, os chamados correlatos imunes. “Essas substâncias, quando utilizadas na vacina, agem no mecanismo de defesa do hospedeiro protegendo-o contra o ataque do parasita, que morre ao sugar o sangue”, explica.

Financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) e pelo Programa de Apoio do Núcleo de Excelência de Ensino (Pronex), com o auxílio da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP), campus de Ribeirão Preto, a pesquisa, ainda em andamento, recebeu menção honrosa na Mostra de Tecnologia da UNESP, realizada, em São Paulo, em outubro último. O trabalho aponta que, entre as doenças transmitidas pelo ácaro, a babesiose é uma das mais comuns. Ela provoca perda de peso, anemia e pode levar à morte. Para a indústria do couro, grande parte dos prejuízos é causada pela incidência do parasita no rebanho. “Ao picar o animal, o carrapato causa uma lesão na pele, que compromete a qualidade do couro”, explica Bechara.

Segundo dados do Ministério da Agricultura, as perdas anuais com a exportação no setor são de aproximadamente US\$ 2 bilhões, sendo que 50% dos defeitos no couro devem-se ao manejo inadequado e à falta de controle de parasitoses. Atualmente, para contornar o problema, os pecuaristas fazem uso de acaricida, substância química que contamina não só o meio ambiente, como também a carne e o leite. A utilização desse produto pode, ainda, gerar problemas futuros. “É bem provável que daqui a alguns anos a União Européia e outros países não aceitem mais importar carne e leite originados de animais infestados e o Brasil sofrerá uma barreira sanitária”, aponta Bechara.



Carrapato realizando postura (à esq.) e em período de pré-postura: parasitas

De acordo com o docente da FCAV, embora já existam no mercado vacinas anticarrapatos cubanas e australianas, o tempo de vigência delas é curto e não dispensa o uso do acaricida. “A expectativa é de que a vacina que estamos desenvolvendo tenha um prazo de proteção maior e que o acaricida não seja mais necessário.”

Estudo com cães

Seres humanos também podem ser afetados

O médico veterinário Gervásio Bechara, da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias da UNESP, campus de Jaboticabal, explica que o núcleo de pesquisa que coordena também está desenvolvendo uma vacina para cães, com princípios ativos iguais aos utilizados na vacina para o gado. “O cão também precisa receber cuidados especiais contra a infestação de carrapatos. Estes não são só prejudiciais ao animal, mas também podem trazer sérias conseqüências à saúde do homem”, alerta. Embora os casos de pessoas que morrem por doenças transmitidas pelo carrapato de cães sejam poucos, de acordo com Bechara, o risco existe e deve ser prevenido. A febre maculosa, transmitida pelo carrapato-estrela, cuja forma imatura é o micúim, tem causado mortes em várias partes do País, a mais recente delas na região de Piracicaba. “Mesmo tendo cura, o desconhecimento das doenças e a falta de informações levam a um diagnóstico tardio, acarretando o óbito”, adverte Bechara.

MEDICINA

Pelo bem da comunidade

Centro de Saúde Escola, em Botucatu, completa 30 anos

O Centro de Saúde Escola (CSE) comemorou trinta anos de vida, em dezembro último, com muita atividade e com a entrada em funcionamento do Centro de Testagem e Aconselhamento (CTA), que realiza exames e fornece orientação sobre Doenças Sexualmente Transmissíveis e Aids. O aniversário também foi marcado por diversos eventos, como o lançamento do livro *Saúde e comunidade*. (Veja quadro.)

Vinculado ao Sistema Único de Saúde (SUS), o CSE é uma unidade de ensino e atenção primária à saúde ligada à Faculdade de Medicina (FM), campus de Botucatu. Diretora-técnica do Centro e professora do Departamento de Saúde Pública da FM, Elen Rose Lodeiro Castanheira ressalta que a proposta do CSE é dar atenção integral à saúde, unindo assistência, prevenção e promoção – por meio da divulgação, por exemplo, de bons hábitos alimentares e atividades físicas para uma vida saudável. “Esse enfoque é hoje muito destacado nas discussões sobre a reforma curricular dos cursos da área médica”, assinala.

A assistência aos usuários é garantida pelo trabalho em equipe, que reúne por volta de 90 funcionários, entre médicos, enfermeiros, nutricionistas, assistentes sociais, psicólogos e outros profissionais. “Nossa preocupação é oferecer um atendimento multiprofissional”, afirma Luciana Cristina Parenti, enfermeira do Centro.

O funcionamento do CSE abrange uma área do município onde vivem cerca de 30 mil pessoas, atendidas em duas unidades assistenciais – na Vila dos Lavradores e na Vila Ferroviária. As ações envolvem campos que vão da saúde mental e saúde do trabalhador ao controle de doenças como hipertensão.

A atuação na comunidade tem ligação estreita com o ensino e a pesquisa. O CSE fornece estágios para os cursos de Medicina, Enfermagem e Nutrição, além de contar com o Ambulatório Didático de Geriatria, onde atuam 20 alunos de Medicina e Enfermagem. “Também oferece residência médica e cursos de educação continuada para profissionais do setor”, aponta Elen.

Sede do Sistema Municipal de Informação em Saúde, o Centro aglutina dezenas de pesquisas. “O CSE é uma unidade de elaboração de tecnologia em atenção primária à saúde”, comenta Cássia Maria Manoel, também enfermeira do Centro. Como resultado da produção de conhecimento nessa área, Luciana cita o atendimento baseado em grupos educativos. “Nesses, os pacientes conhecem o desenvolvimento de doenças como a diabetes, e são orientados a preservar sua saúde, mudando hábitos alimentares”, conta.

Um exemplo dessa iniciativa é o Grupo Reviver, com 40 integrantes, em sua maioria mulheres de meia-idade, que participam de atividades que vão de dança a debates políticos. “É um espaço de exercício da criatividade, no qual as pessoas se sentem mais alegres e, assim, melho-



Elen: atuação social

ram a sua saúde”, explica Maria Eunice Carneiro Lima, assistente social da equipe de Saúde Mental do CSE.

Há também os Grupos de Adolescentes, que atendem por semana pelo menos 12 jovens entre 15 e 21 anos, que procuram o Centro para marcar consultas ou buscar orientação. “No grupo, são discutidos temas como sexualidade e drogas e, em seguida, são feitas avaliações para futuros tratamentos”,

esclarece o médico Walter Vitti Júnior, que trabalha em colaboração com a psiquiatra Edy Nakamoto. Esta, em conjunto com Maria Eunice, organiza grupos de discussão de adolescentes em ONGs e bairros carentes. “Também formamos multiplicadores, ou seja, jovens e profissionais que promovam essas discussões, fornecendo supervisão e material de trabalho”, detalha a psiquiatra.

A diretora-técnica Elen acentua que o Centro busca dialogar com a população, por exemplo, por meio do Conselho das Unidades de Saúde (Conus) local, que reúne profissionais do CSE e representantes da comunidade. “A direção do Cen-



Grupo Reviver: exercícios de criatividade e visita a fazendas

tro está aberta às nossas sugestões”, comenta um desses representantes, o ferroviário aposentado Waldir José de Souza, para quem as propostas levadas ao Conus já produziram avanços como a melhoria do atendimento prestado.

Orgulhosa das conquistas do Centro em três décadas, Elen aponta os desafios do futuro. “Nossa proposta é tornar o CSE uma unidade de referência no campo da atenção integral à saúde, com uma atuação clínico-epidemiológica baseada não só nas necessidades do indivíduo, mas também nas da população”, afirma.

André Louzas



Crônicas e ensaios

Docentes lançam livro

Com diferentes abordagens, que vão de crônicas a ensaios, o livro *Saúde e comunidade* (Editora Cultura Acadêmica, 243 páginas, R\$ 22) expõe as atividades do Departamento de Saúde Pública da Faculdade de Medicina da UNESP, campus de Botucatu, ao longo de mais de 30 anos. Organizada por dois professores do Departamento, o médico sanitário Antônio Pithon Cyrino e a médica infectologista e sanitária Cecília Magaldi, a obra apresenta os primeiros esforços para a promoção de uma medicina de caráter comunitário, na década de 60; a criação do CSE, em 1973; a experiência do internato rural em Saúde Pública; além da participação, a partir dos anos 80, no Programa de Saúde Escolar de Botucatu e no Programa de Saúde do Trabalhador. “No livro, fazemos uma reflexão sobre um processo que marca o Departamento, ou seja, o compromisso de oferecer um ensino mais próximo da comunidade e dos serviços de saúde locais” conta Cyrino. Fundadora e ex-diretora do Centro, Cecília foi a grande homenageada durante as comemorações, ao lado de antigos dirigentes do CSE, como os professores Eurivaldo Sampaio e Lupércio Cortez. “Minha vivência no Centro foi de grande aprendizado em Saúde Pública”, ressalta.



Cyrino e Cecília: serviços de saúde

Fotos Regina Agrello



ECOLOGIA

Projeto Pau-brasil

Dois campi são visitados

Primeiro recurso natural explorado pelos colonizadores portugueses para a extração de corante, o pau-brasil (*Caesalpinia echinata*), chamado pelos índios de *ibirapitanga* (“madeira vermelha”), é hoje uma espécie rara, em perigo de extinção. Para compreender melhor a presença e o comportamento da árvore, a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) financia o Projeto Pau-Brasil, sediado no Instituto de Botânica, vinculado à Secretaria do Estado do Meio Ambiente, que promoveu visitas, em novembro último, a dois campi da UNESP.

A bordo do “Florestinha”, um Fiat Adventure cedido pela empresa automobilística, o pesquisador Yuri Tavares Rocha, do Instituto de Botânica, percorreu 12 cidades do Estado de São Paulo com a finalidade de visitar instituições e jardins botânicos que têm ações de conservação do pau-brasil em locais onde ele não ocorre naturalmente. “Procurei evidências científicas da ocorrência natural no Estado e pesquisei plantios realizados em campi universitários, parques, bosques e jardins botânicos”, afirma.

Em Botucatu, Rocha localizou uma árvore de pau-brasil no Jardim Botânico da UNESP, quatro árvores no campus de Rubião Jr. e uma na Fazenda Experimental Lageado. Na Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias (FCAV), foram localizadas quatro árvores, além das 23 que formam a arborização da rua da saída pela guarita 2 do Campus e de uma no Viveiro Experimental, onde existe uma área de produção de mudas. “A maioria das árvores estava em floração e/ou frutificação.

Isso demonstra que encontraram condições favoráveis para o seu desenvolvimento”, conclui. “A discussão dos dados ocorre de 12 a 14 de março, no Auditório da Fapesp, no Simpósio Pau-Brasil: Ciência e Arte.”



Árvore no Lageado: condições favoráveis



AMBIENTE

Os rumos do Biota

Projeto completa quatro anos

A iniciativa de conhecer, proteger e explorar de forma sustentável a biodiversidade do Estado de São Paulo deu origem a um dos mais importantes programas de pesquisa hoje em andamento no Estado. Com quatro anos de vida completados neste mês de março, o Programa Biota/Fapesp soma 38 projetos e cerca de 700 pesquisadores, envolvidos em estudos que vão de zooplâncton e ácaros a mamíferos e florestas. “Seu objetivo maior é inventariar e caracterizar a biodiversidade do Estado, definindo os mecanismos para a sua conservação, o aproveitamento de seu potencial econômico e a sua utilização sustentável”, afirma o coordenador do Programa, Carlos Alfredo Joly. (Veja quadro.)

A trajetória bem-sucedida do Biota acumula exemplos como o projeto temático “Conservação e uso sustentável do Cerrado e Mata Atlântica: diversidade química e prospecção de novos fármacos”, coordenado pela química Vanderlan da Silva Bolzani, do Departamento de Química Orgânica do IQ, que integra aproximadamente 80 pesquisadores, do Instituto de Química (IQ) da UNESP, campus de Araraquara, do Instituto de Química da USP e do Instituto de Botânica de São Paulo. “Este trabalho produziu até agora dois novos projetos de inovação tecnológica, em parceria com as empresas Eurofarma e Natura”, destaca.

O principal desafio do grupo é realizar a bioprospecção – ou seja, avaliar o potencial comercial – de espécies vegetais do Cerrado e da Mata Atlântica em São Paulo. Vanderlan informa que uma patente já foi depositada pelo professor Massuo Kato, da USP, e outra – desenvolvida pelos professores Alberto José Cavalheiro, da UNESP, e Jayme Sertié, da USP – está em fase de registro. “Já publicamos cerca de 30 trabalhos em algumas das principais revistas internacionais na área da Química de Produtos Naturais e 50 artigos de divulgação em congressos nacionais e internacionais”, diz.

Para discutir o andamento das pesquisas, foi promovido, em dezembro passado, no IQ, o terceiro *workshop* do Projeto, no qual os pesquisadores apresentaram seus trabalhos. O evento representou uma avaliação global da primeira fase do Projeto, que durou quatro anos. “O *workshop* reuniu mais de 80 pessoas, com uma participação expressiva de alunos, da iniciação científica ao pós-doutorado”, informa.

Os pesquisadores do IQ integram o Núcleo de Bioensaios, Biossíntese e Ecofisiologia de Produtos Naturais (NuBBE), que, além de Vanderlan, conta com os professores Cavalheiro, Maysa Furlan, Angela Regina Araújo, Dulce Helena Siqueira Silva e Márcia Nasser Lopes. No NuBBE são realizados estudos fitoquímicos incluindo purificação e identificação de princípios ativos vegetais (ou seja, a substância responsável por algum tipo de ação terapêutica), desenvolvimento de metodologia cromatográfica para análise dessas substâncias, estudos de biossíntese, variabilidade química intraespecífica (isto é, dentro da própria espécie vegetal) e dinâmica metabólica.

Os extratos já foram avaliados em seu potencial antifúngico – para serem usados, por exemplo, contra males como micoses –, antitumoral e antioxidante – para combater fatores que causam o envelhecimento. Por volta de 40 extratos passaram por análises para caracterizar seu princípio ativo. “Essas substâncias podem levar à descoberta de produtos farmacêuticos e agroquímicos, por exemplo”, diz Cavalheiro.

André Louzas



Mata Atlântica: um dos ambientes da pesquisa de Vanderlan (detalhe)



Regina Agrella

Programa premiado

Amplio reconhecimento

O Biota, um dos Programas Especiais da Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo), envolve pesquisadores das universidades estaduais paulistas, órgãos do governo federal – como a Embrapa –, instituições particulares e Organizações Não-Governamentais (ONGs). Já em 1999, ano de sua criação, o programa lançou a série de livros *Biodiversidade do Estado de São Paulo – síntese do conhecimento ao final do século XX*. Em novembro, recebeu o 4º Prêmio Ford de Conservação Ambiental, na categoria Iniciativa do Ano em Conservação e, no mês seguinte, com 15 projetos aprovados, foi lançado o Sistema de Informação Ambiental (Sinbiota), para integrar e divulgar informações produzidas no programa. Em 2000, houve 22 projetos, que envolveram 500 pessoas. Naquele ano, foi realizado o primeiro simpósio do programa e o trabalho de mapeamento do Estado recebeu o prêmio Top de Ecologia da Associação dos Dirigentes de Vendas e Marketing do Brasil. No ano seguinte, o número de projetos chegou a 34, e foram lançados o *Atlas Biota/Fapesp*, que reúne os dados colhidos no Sinbiota e mapas do Estado, e a revista *Biota Neotrópica*, para divulgar pesquisas sobre a Região Neotropical (que vai do México à Patagônia). Em 2002, novos projetos se somaram ao programa e foram lançados dois outros números da *Biota Neotrópica*.

(A.L.)

PEIXES

Acervo para pesquisa

Laboratório reúne coleção com 339 espécies

O Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce) da UNESP, campus de São José do Rio Preto, possui uma das maiores coleções biológicas de peixes da região noroeste do Estado de São Paulo. Exposta em uma área física de 42 m², dividida em três salas, a coleção da UNESP reúne atualmente 5.400 lotes com aproximadamente 43 mil exemplares de 339 espécies, procedentes, em sua grande maioria, de rios da região nordeste do Estado, rios Turvo e Grande, e médio e baixo Tietê. Mas há também espécies dos rios litorâneos da Região Sudeste, rio São Francisco e amazônicos. “As coleções, mantidas adequadamente, documentadas e conservadas para uso em longo prazo, serão as jóias da pesquisa científica do século XX”, diz o responsável pelo Laboratório de Ictiologia do Ibilce, Francisco Langeani Neto, docente do Departamento de Zoologia e Botânica.

Os peixes são conservados em álcool 70°. Alguns são diafanizados, ou seja, tratados para tornar os músculos e pele transparentes. “Este trabalho é muito importante para a análise morfológica de aspectos interno e externo, principalmente para estudos comparativos de evolução e filogenia de grupos”, afirma o pesquisador.

Muitas das espécies já foram objetos de projetos de pesquisas, dissertações de mestrado e doutorados, inclusive de pesquisadores de outros Estados. Atualmente o grupo está fazendo um levantamento das condições de riachos da região de São José do Rio Preto. Também está sendo preparado um guia ilustrado das espécies da região de São José do Rio Preto a ser lançado no final do ano. Ainda em 2003, o Laboratório deverá ter as principais espécies fotografadas em câmera digital e



Jóias para a ciência: objetos de mestrados e doutorados

divulgadas pela Internet para consulta da comunidade científica e acadêmica. “Algumas das espécies depositadas na coleção são relativamente raras ou novas para a ciência. Estas últimas já foram ou estão sendo descritas para serem apresentadas à comunidade científica”, afirma Langeani.

Júlio Zanella

Regina Agrella



O perfil de quem entra na UNESP

Graças aos relatórios anuais realizados pela Fundação para o Vestibular da UNESP, é possível verificar o perfil e as transformações econômicas e sociais dos alunos que ingressaram na Universidade, em 2002, e nos últimos 20 anos.

JÚLIO ZANELLA

Quando se pensa no aluno que ingressa na universidade pública, logo se imagina que ele pertença à classe socialmente privilegiada, enquanto os alunos originários de famílias mais humildes, que não passaram no vestibular de uma instituição pública de ensino superior, obteriam sua formação universitária no sistema superior de ensino privado. O Relatório UNESP sobre o Vestibular 2002, recém-publicado, mostra que esta imagem pode ser relativizada.

A partir de respostas a um questionário socioeconômico, entregue pelo candidato no ato de inscrição para o exame da UNESP, foi possível verificar, entre outros dados, que 53% dos matriculados na Universidade, em 2002, são oriundos de famílias que ganham menos de dez salários mínimos, ou seja, R\$ 1.800,00, quando da realização da pesquisa. "E 24% do total provém de células familiares com renda de até cinco salários mínimos (R\$ 900,00) contra 17% dos matriculados em 2001", afirma o diretor acadêmico da Fundação para o Vestibular da UNESP (Vunesp) e coordenador do Vestibular da Universidade. "Isso aponta para uma certa democratização da Universidade, que vem obtendo desempenho expressivo no Provão." (Veja quadro.)

O Relatório traz o desempenho dos candidatos inscritos e matriculados por prova, disciplina e questões, além da distribuição das notas finais conforme cada curso. Enviado gratuitamente para escolas, cursinhos e todos os departamentos da UNESP, a publicação é feita desde 1990 e tem questões respondidas relativas a renda familiar, procedência escolar, profissão e nível de instrução dos pais, entre outras informações. "Passados 12 anos, esta edição é a mais completa já realizada, incorporando, num único volume, toda a informação contida em documentos diversos", ressalta Prado.

Graças aos dados reunidos anualmente pela Vunesp, é possível traçar as transformações no perfil dos alunos matriculados na UNESP nas duas últimas décadas. "As principais mudanças aconteceram no aumento de mulheres que efetivaram a matrícula e no número de primeiranistas que cursaram o ensino médio em escolas particulares", afirma a socióloga Dulce Consuelo Andreatta Whitaker, da Faculdade de Ciências e Letras (FCL) da UNESP, campus de Araraquara, que estuda as mudanças no perfil dos alunos unespianos, desde os anos 1980. A partir de 1990, conta com a colaboração da

cientista social Elis Cristina Fiamengue, que defendeu seu doutorado, na própria FCL, em janeiro último, intitulado *Mas afinal que elite é essa: elitização e deselitização do Vestibular VUNESP*.

Dulce não concorda com a abordagem simplista – que defende a privatização das universidades federais e estaduais – baseada no argumento de que as pessoas de baixa renda estudam na universidade particular, e os privilegiados, na universidade pública. "Há muitos estudantes das camadas mais baixas em todos os cursos da UNESP", afirma. Para aqueles que defendem a posição de que a universidade pública deve ser paga por aqueles que têm condições para isso, a docente da FCL argumenta que a educação não é uma mercadoria. "A escola pública deve ser gratuita mesmo para quem pode. Imagine o apartheid criado em uma universidade em que alguns pagam e outros não?", indaga.

Segundo Dulce, o debate sobre a elitização do ensino superior público é um tema que não se restringe a dados relacionados à renda. Também devem ser levados em conta a relação do salário com o número de pessoas na família e o grau de instrução dos pais. "Os alunos de classes mais elevadas tendem, por exemplo, a procurar carreiras com melhor mercado de trabalho, como medicina e informática", diz Dulce.

Prado acrescenta que a região onde os campi estão instalados e os cursos escolhidos

pelo vestibulando apresentam tendências e tradições de determinadas camadas socioeconômicas da população. "Por exemplo, o curso de Física, é mais elitizado em Bauru; e a Engenharia Elétrica é mais elitizado que a Física", informa. "Na área de humanas, a maior elitização ocorre nos cursos de Psicologia e Direito". Mas, mesmo entre os cursos, há diferenças. "Em Assis, os cursos são menos elitizados que em Bauru. Por isso, a UNESP é tão rica em diversidade."

No que diz respeito ao sexo, há um

crescimento no número de mulheres desde 1981. Naquele ano, elas ocupavam 44%. Em 2002, o índice chegou a 54%, o maior em toda a história da universidade. "As engenharias são ainda os últimos redutos masculinos. A Civil e a Mecânica continuam masculinas. A presença das mulheres, todavia, começa a ser bastante sentida no curso de Direito e chega a ultrapassar a de homens na Medicina", ressalta Dulce.

Em relação à procedência, também houve uma inversão nos últimos anos. No começo da década de 1980, a porcentagem de alunos que cursaram o segundo grau em escolas públicas foi de 61%. No início de 1990, caiu para 45% e, no ano passado, registrou 39%. "A política educacional de sucessivos governos fez com que a classe média fugisse da escola pública. O mesmo ocorreu com os menos privilegiados, que buscaram o ensino médio privado como forma de atingir a universidade", afirma Dulce. "O ensino médio desses jovens passou a ser feito na escola privada. Mesmo assim o cursinho, em algum momento da vida acadêmica, ainda é essencial para o sucesso de 62% dos matriculados."

Outro aspecto apontado por Dulce e Elis que sofreu mudanças nos últimos 20 anos é o perfil dos pais

dos matriculados. "Há duas décadas, quem obtinha o maior sucesso no vestibular eram os filhos de pequenos comerciantes, que, hoje, em muitos casos, desvalorizam o ensino universitário. Hoje, 35% dos matriculados são filhos de profissionais liberais, professores ou técnicos de nível superior", verifica.

No Relatório de 2002, também foi realizada uma análise dos diversos públicos beneficiados com isenção na matrícula. Para o Programa Formação de Professores, destinado a interessados em concorrer aos cursos de licenciatura oferecidos pela UNESP, foram enviados 11.850 manuais. Porém, em apenas 46% deles as inscrições foram realmente efetivadas. "Já em relação aos cursinhos comunitários, o aproveitamento dos manuais encaminhados foi de 99%", comenta Prado.

Um dos principais objetivos dos relatórios realizados pela UNESP é acompanhar o perfil do aluno que se inscreve e entra na Universidade ao longo dos anos e, com base nos dados, realizar mudanças, sempre com o intuito de aprimorar o acesso à Universidade. O Relatório já foi, por exemplo, base para várias transformações de regras no funcionamento do concurso e no modelo das provas. "Há alguns anos o vestibular era realizado apenas em cidades onde o aluno estava concorrendo", lembra. "Isto acabava representando um filtro social."

A UNESP, para Prado, também combate a elitização do ensino público com a sua estrutura *multicampus*. Se, por um lado, o fato de a Universidade estar distribuída em várias cidades implica um custo muito alto; por outro, representa uma importante oportunidade de ingresso no curso superior para aque-

les candidatos que não teriam condições econômicas de fazer o vestibular ou mesmo de se manter em outras cidades. "Esta característica da UNESP é única entre as universidades públicas do Estado de São Paulo", avalia Prado. Ele cita ainda a presença do mesmo curso em vários municípios como um facilitador econômico. "O aluno que quiser fazer um curso de Biologia, por exemplo, tem oito opções – e pode prestar o exame vestibular para aquela que for mais próxima de sua cidade natal e lhe gere menos custo."

De acordo com a pesquisa realizada pela Vunesp, 44% dos matriculados na UNESP fizeram, se não todo o ensino médio, pelo menos a maior parte na escola pública, enquanto esse percentual é de 32% na Unicamp e 19% na Fuvest. "Além da sua característica geográfica peculiar, a UNESP tem um modelo de prova mais semelhante ao ensino ministrado na escola pública", afirma Prado.

Na tentativa de diminuir a distância entre o conhecimento exigido pelo exame e o que é efetivamente transmitido no ensino médio, a UNESP tem adotado um modelo de provas em fase única e sem exigência de lista obrigatória de livros. "Um modelo de prova muito específico acaba privilegiando o acesso à universidade pública dos estudantes de grandes colégios e cursinhos, que, com maior capital cultural, ou seja, vivendo num universo em que o hábito da leitura, por exemplo,

é mais disseminado, têm mais chances de acesso à universidade pública", conclui.



PROVÃO

BRASILIA

Desempenho expressivo

Universidade repete bons resultados de 2001

A UNESP teve um desempenho expressivo no Exame Nacional de Cursos, o Provão, de 2002. Dos 50 cursos da Universidade avaliados, 39, ou seja, 74% deles, receberam conceitos A ou B, enquanto dos 43 cursos da USP avaliados, 65% ficaram nas duas faixas melhor conceituadas, e a Unicamp, com 14 cursos, teve 78,6% de conceitos A e B.

O resultado foi semelhante ao de 2001, quando, com a avaliação de 46 cursos, 73,9% dos cursos da UNESP alcançaram os dois conceitos máximos – resultado que colocou a Universidade em primeiro lugar num ranking nacional elaborado pela Lobo e Associados, empresa de consultoria na área de educação.

Mesmo assim, preocupado com os cursos que não obtiveram bom desempenho, o reitor José Carlos Souza Trindade criou, em fevereiro último, a Comissão de Avaliação dos Cursos de Graduação da UNESP, presidida pelo pró-reitor de Graduação, Wilson Galhego Garcia.

O Provão 2002 envolveu 24 áreas e 370 mil formandos de 5.031 cursos de todo o Brasil. Desse total, apenas 27% atingiram os conceitos A ou B, 42% receberam C e 31%, conceitos D e E. Um dos destaques da UNESP é o curso de Direito da Faculdade de História, Direito e Serviço Social (FHDSS) da UNESP, campus de Franca, que recebeu A nas sete edições do Provão. "Temos professores de alto nível, que possuem no mínimo grau de doutor", comenta o vice-diretor da FHDSS, Ivan Manoel, que também destaca a estrutura curricular e a infra-estrutura do curso, em especial a biblioteca. O vice-diretor enfatiza, ainda, o conceito A obtido pelo curso de História em 2002, na primeira edição do Provão nessa área.

Nos cinco exames de que participou, o curso de Letras do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ilbice), campus de São José do Rio Preto, atingiu o conceito A. "Nossos alunos têm respondido à dedicação dos professores com um desempenho muito bom no Provão", orgulha-se Nelson Luís Ramos, vice-coordenador do curso de Letras. Ele aponta como exemplo da qualidade da infra-estrutura do Ilbice o prédio com sete salas-ambiente e um laboratório de idiomas, inaugurado em 2002.

A UNESP pode chegar a resultados ainda melhores, segundo a assistente técnica da Pró-Reitoria de Graduação (Prograd), Leonor Tanuri, se todos os alunos estiverem conscientes da relevância do Provão. Ela assinala que as unidades de ensino devem promover iniciativas para que os alunos se convençam da necessidade de realizar o exame. "Esse trabalho também deve ser feito junto aos professores, para que colaborem no esclarecimento e conscientização dos estudantes", diz.

Exemplos de esforços bem-sucedidos não faltam. Em 2002, na primeira avaliação de Enfermagem, os alunos desse curso na Faculdade de Medicina (FM) da UNESP, campus de Botucatu, estavam hesitantes em responder às questões do Provão. Diante disso, a direção da FM, a coordenação do curso e os professores incentivaram os alunos a participar do processo. "Entre outras iniciativas, convidamos uma integrante da Comissão de Especialistas de nossa área no Ministério da Educação para expor a proposta do exame", comenta a professora Wilza Carla Spiri, vice-coordenadora do curso de Enfermagem.

O empenho da Faculdade valeu a pena: o curso recebeu A e a aluna Luciana Yoshie Tome ficou em primeiro lugar entre os estudantes de Enfermagem do País. Atualmente residente em Enfermagem da FM, Luciana afirma que o exame foi bem formulado. "A prova apresentou situações do nosso dia-a-dia de trabalho, tanto na área hospitalar quanto na de saúde pública", recorda. Por sua colocação, Luciana recebeu uma bolsa de mestrado da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), que pretende utilizar assim que terminar a residência.

O médico veterinário Felipe Percin, graduado pela Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias (FCAV) da UNESP, campus de Jaboticabal, já está usufruindo a bolsa por ter sido o primeiro colocado em Medicina Veterinária no País. Aprovado no mestrado da própria FCAV, acredita que o Provão avaliou bem a formação dos estudantes. "As questões foram bastante abrangentes, envolvendo todos os campos da Medicina Veterinária", diz.

Outro caso paradigmático é a Faculdade de Engenharia (FE) do campus de Ilha Solteira que, em 2001, registrou B em todos os

cursos – Agronomia e Engenharias Civil, Elétrica e Mecânica. A direção resolveu então melhorar esse quadro e promoveu palestras para os estudantes sobre a importância do exame. "Mostramos, por exemplo, que as empresas levam também em conta os resultados do Provão no momento da contratação", diz Vicente Lopes Junior, diretor da FE. Em 2002, o campus comemorou o conceito A concedido aos quatro cursos.

No seu mandato à frente da Faculdade de Odontologia (FO) da UNESP, campus de Aracatuba, o diretor Francisco Bertoz ressalta que investiu muito na melhoria da graduação. "Isso envolveu desde o apoio ao maior envolvimento dos professores com nosso projeto pedagógico até a melhoria da infra-estrutura, com a construção da Central de Salas de Aula e da nova biblioteca", explica. O curso de Medicina Veterinária, que nas três primeiras edições do Provão teve conceito C, recebeu dois A consecutivos, em 2001 e 2002. E, no ano passado, o de Odontologia também obteve A no exame.

Leonor argumenta que, na UNESP, os conceitos D e E geralmente foram atribuídos a cursos em que os estudantes boicotaram o Provão, não respondendo às questões. "Esses alunos não estão bem esclarecidos sobre a importância da avaliação, para a Universidade, para sua unidade universitária e para eles próprios, na sua vida profissional", adverte.

Os cursos de Arquitetura e Jornalismo da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicações (FAAC) da UNESP, campus de Bauru, por exemplo, ficaram com E em 2002. Coordenador do curso de Arquitetura, o professor Nilson Ghirardello afirma que, antes do exame, reuniu-se com os estudantes: "Eu expus os argumentos a favor da prova, mostrando os prejuízos que haveria para o curso com o boicote", comenta. Mesmo assim, os alunos decidiram não participar. Para o professor Luciano Guimarães, coordenador do curso de Jornalismo, a situação é ingrata. "O boicote parte dos alunos, mas a nota divulgada é atribuída ao curso", conta. "Ao longo do ano, farei discussões com os estudantes para analisar a posição a ser adotada pelo curso em relação ao Provão."

Leonor ressalta que a Prograd está também preocupada com os cursos que tiveram conceito C, mesmo com um alto índice de provas respondidas – o que ocorreu nas Odontologias dos campi de Araraquara e São José dos Campos. Perante o resultado, que considera preocupante, Ricardo Abi Rached, diretor da Faculdade de Odontologia (FO) de Araraquara, destaca que a média obtida pelo curso – 53,5 pontos – foi superior à nacional em sua área, de 52,7 pontos. "Foi instituída uma comissão para, em 2003, propor estratégias e motivar os alunos sobre a importância das notas individuais e sobre o método de obtenção do conceito geral", diz. "Os professores também acompanharão o desempenho dos alunos, com o objetivo de manter a qualidade de ensino da FO."

André Louzas

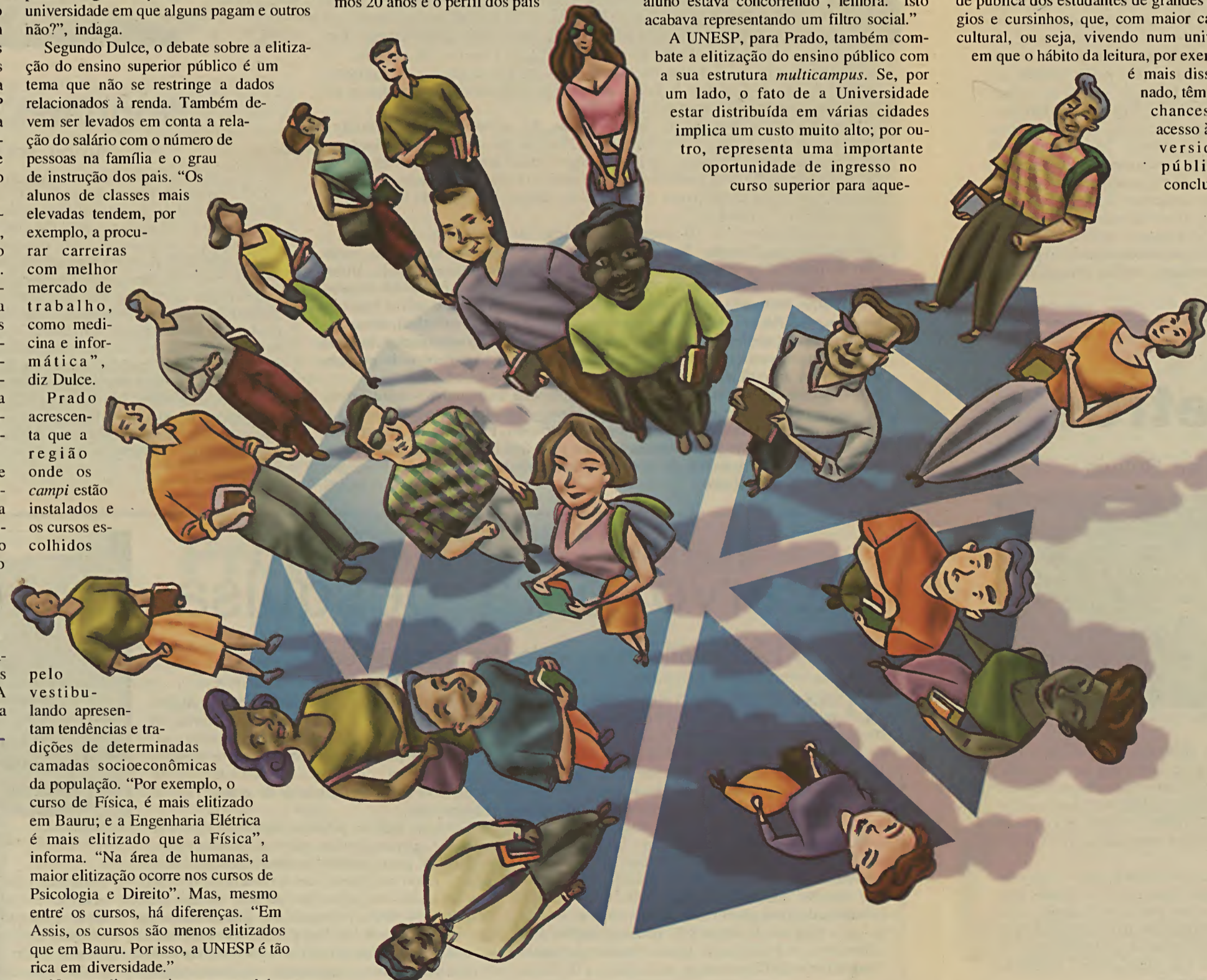
Avaliação dos cursos

- Administração – FCL/Araraquara (A)
- Agronomia – FCA/Botucatu (A); FE/Ilha Solteira (A); FCAV/Jaboticabal (A)
- Arquitetura e Urbanismo – FAAC/Bauru (E)
- Ciências Biológicas – FCL/Assis (A); FC/Bauru (A); IB/Botucatu (A); IB/Rio Claro (A); Ilbice/S.J. Rio Preto (A)
- Ciências Econômicas – FCL/Araraquara (B)
- Direito – FHDSS/Franca (A)
- Enfermagem – FM/Botucatu (A)
- Engenharia Civil – FE/Bauru (B); FEG/Guaratinguetá (A); FE/Ilha Solteira (A)
- Engenharia Elétrica – FE/Bauru (C); FEG/Guaratinguetá (A); FE/Ilha Solteira (A)
- Engenharia Mecânica – FE/Bauru (B); FEG/Guaratinguetá (B); FE/Ilha Solteira (A)
- Farmácia – FCA/Araraquara (B)
- Física – FC/Bauru (D); Guaratinguetá (B); Rio Claro (C)
- História – FCL/Assis (C); FHDSS/Franca (A)
- Jornalismo – FAAC/Bauru (E)
- Letras – FCL/Araraquara (A); FCL/Assis (A); Ilbice/S.J. Rio Preto (A)
- Matemática – FC/Bauru (E); FCT/Presidente Prudente (A); IGGE/Rio Claro (A); S.J. Rio Preto (A)
- Medicina – FM/Botucatu (B)
- Medicina Veterinária – FO/Aracatuba (A); FMVZ/Botucatu (A); FCAV/Jaboticabal (A)
- Odontologia – FO/Aracatuba (A); FO/Araraquara (C); FO/S. José dos Campos (C)
- Pedagogia – FCL/Araraquara (C); FFC/Marília (A); FCT/Presidente Prudente (A); IB/Rio Claro (E)
- Psicologia – FCL/Assis (E); FC/Bauru (E)
- Química – ID/Araraquara (B)



Fernando Prado
Diretor acadêmico da Vunesp

"Um modelo de prova muito específico acaba privilegiando o acesso à universidade pública dos estudantes de grandes colégios e cursinhos."

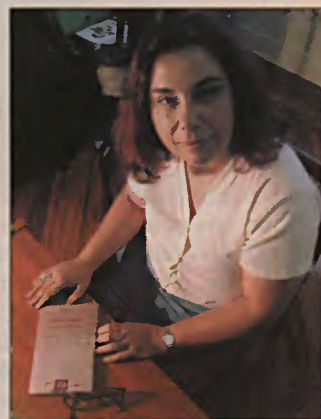


Paulo Zillerman

TEORIA

A filosofia do som

Pesquisa estabelece elos entre pensamentos de Pitágoras e de John Cage



Lia: pensamento estético avalia.

são assuntos praticamente inexplorados no Brasil”, diz. “Uma prova disso é que grande parte do material bibliográfico sobre o tema só é encontrado no exterior.”

Após uma extensa pesquisa sobre os diversos conceitos de música ao longo do tempo, Lia organizou uma linha de pensamento que parte do conceito grego de *mousiké* – que relaciona o estudo da música a outras ciências – e é retomado no século XX. “É preciso tomar cuidado, pois há procedimentos do pensar musical e modos de se fazer música semelhantes, mas localizados em contextos distintos. Tentar compará-los, ignorando os 3 mil anos de desenvolvimento e prática musical que os separam, é simplismo”, alerta.

Em seu livro, Lia destaca a importância de Cage e Scriabin, este último um dos primeiros a misturar som e luz em concertos musicais, mudando, assim, a relação da obra com o interlocutor: “Ele inaugurou o que pode ser chamado de ‘espetáculo multimídia’, hoje popularizado nos

shows de rock e outros gêneros musicais”, avalia.

Cage, por sua vez, trabalhava com o acaso e considerava todo e qualquer som como música, inclusive o silêncio: “Ele chegou a realizar uma obra, chamada 4’33”, onde o silêncio do instrumentista provocava a reação da platéia, que, com tosses e murmúrios, conduzia a própria obra. É um resultado que depende totalmente do contexto externo”, diz Lia.

Inscrito no Programa Publicações de Apoio 2002, desenvolvido pelo Comitê dos Produtores da Informação Educacional (Compel), o livro da docente do IA foi selecionado para ter mil exemplares distribuídos para bibliotecas universitárias e outras instituições culturais de todo o País: “É uma excelente oportunidade de oferecer aos estudantes um material diversificado sobre teoria musical”, afirma Lia.



A música é muito mais do que uma simples organização de sons. Ela engloba uma série de elementos, como cantos, falas, danças, expressões corporais, teatrais e toda variedade de ruídos, silêncios e meios de reprodução. Este conceito foi estabelecido, no século VI a.C., na Grécia Clássica, por Pitágoras e outros filósofos da mesma época, como Heráclito e Parmênides, que apresentaram, por meio do conceito de *mousiké*, uma ampla dimensão do pensamento musical. O mais surpreendente, porém, é que este conceito foi retomado, com maior amplitude, por dois músicos extremamente originais: o russo Alexander Scriabin (1872-1915) e o norte-americano John Cage (1912-1993), que enveredaram pelos caminhos da experimentação

e da liberdade musicais influenciados pela concepção grega.

Em busca de uma ponte entre a linguagem musical e o conceito filosófico destes dois períodos, separados por 26 séculos, a musicista Lia Tomás, professora de História da Música e Estética Musical no Instituto de Artes (IA), campus de São Paulo, formulou sua tese de doutorado, publicada pela Editora UNESP sob o título *Ouvir o lógos: música e filosofia*.

Formada em Música no IA, Lia, que cursa doutorado de Filosofia na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC), toca piano desde os quatro anos de idade. Após 20 anos de prática, ela abandonou a idéia de ser instrumentista para dedicar-se aos estudos teóricos da música. “A estética musical e a filosofia da música

BIENAL

Reflexo da vida moderna

Evento celebra universo eletroacústico

Para os que ainda não estão familiarizados com o experimentalismo contemporâneo, a música eletroacústica pode, a princípio, causar certa estranheza. Compostas por uma combinação bastante peculiar de diferentes sons pré-gravados e alterados por computador, as composições desse estilo são transmitidas diretamente das mesas de som para os alto-falantes, estrategicamente distribuídos pela sala de concerto. O resultado dessa experiência chega aos ouvidos como um amálgama sonoro muito distante do conceito de música tradicional. “Um dos objetivos da música eletroacústica é a exploração do universo sonoro. Por meio de recursos eletrônicos, ela apresenta uma profusão de sons inco-



Menezes e Vargas: mesa de som e acordeon

omuns que, ao se revezar entre as caixas acústicas, dão ao ouvinte uma impressão de movimento”, explica Flo Menezes, docente do Instituto de Artes (IA) e organizador da IV Bienal Internacional de Música Eletroacústica de São Paulo (Bimesp), realizada, em dezembro último, no IA e no SESC Vila Mariana. “É música para se ouvir com olhos bem fechados e ouvidos bem abertos.”

Em homenagem aos 40 anos de idade de Flo Menezes – que, em novembro último, recebeu o importante Prêmio Cultural Sérgio Motta, em meio a 441 obras inscritas de todo o Brasil, e acaba de receber a Bolsa Vitae de Artes para a composição de um *Oratório* eletroacústico: *laboratório* –, o concerto de encerramento da Bimesp foi intitulado Pánel do Personagem II. O concerto final contou ainda com o lançamento da versão revista e ampliada do livro de Menezes, *Apoiose de Schoenberg – Tratado sobre as Entidades Harmônicas* (Ateliê Editorial, 452 páginas) e dos CDs *Música Maximalista Vols. 7 e 8*. “Eventos como a Bimesp garantem o lugar da cidade de São Paulo no cenário da música contemporânea internacional”, conclui Menezes.

Criação de estúdio Recursos eletrônicos

A música eletroacústica originou-se na década de 1940. Em 1948, o radialista e músico francês Pierre Schaffer faz, no rádio parisiense *Radiodiffusion Française* (ORTF), os primeiros experimentos com sons pré-gravados e transformados em estúdio. As composições realizadas nessas experiências receberam o nome de *musique concrète* (“música concreta”). Um ano depois, surge na Alemanha a chamada *elektronische Musik* (“música eletrônica”). Concebida por meio de experimentos semelhantes aos ocorridos na França, a *elektronische Musik* nasce nos estúdios da rádio *Nordwestdeutscher Rundfunk* (NWDR), na cidade de Colônia, sob a liderança de Herbert Eimert, e se firma, principalmente a partir de 1953, com a atuação de Karlheinz Stockhausen – de quem o compositor Flo Menezes, docente do IA, foi assistente em 1999 e em 2001. “Em oposição às obras da *musique concrète* de Schaffer, as composições alemãs utilizavam apenas sons produzidos pelos aparelhos dos estúdios da rádio. Assim, os expoentes da *elektronische Musik* chegaram ao que podemos definir como música eletrônica propriamente dita”, esclarece Menezes.

O termo música eletroacústica, por sua vez, é proposto apenas em 1958 pelo fundador da *musique concrète*, Pierre Schaffer, e passa a substituir a denominação música experimental, estabelecida anteriormente pelo músico norte-americano John Cage. “O termo música eletroacústica inclui hoje todo o conceito de música contemporânea realizada com recursos eletrônicos, ou seja, música criada em estúdio e difundida em teatros, por meio de alto-falantes”, conclui Menezes.



Stockhausen: marco no gênero



PLANEJAMENTO

Equipamentos para laboratórios

Programa investe na área de Engenharia

Manter o ensino de graduação da UNESP em destaque é uma das prioridades da atual gestão. Com este objetivo, a reitoria solicitou à Assessoria de Planejamento e Orçamento (Aplo) a elaboração do Programa Laboratórios Didáticos, que prevê investimento de R\$ 12 milhões até 2004. Até essa data, cerca de R\$ 4,5 milhões serão destinados à aquisição de equipamentos especificamente para laboratórios ligados à Coordenadoria da Área de Engenharia, Arquitetura e Desenho Industrial da Universidade. Desse total, R\$ 1,5 milhão já foi liberado pela Assessoria de Planejamento e Orçamento (Aplo). Os recursos foram estabelecidos a partir de reuniões entre o assessor-chefe da Aplo, Herman Cornelis Voorwald, o Grupo de Obras e Equipamentos (Goe) e o coordenador da área, o engenheiro Galdenoro Botura Júnior, docente da Faculdade de Engenharia (FE), *campus* de Guaratinguetá. “Ao longo dos exercícios de 2003



Trindade: execução de obras

e 2004, serão programadas as liberações necessárias para totalizar o valor diagnosticado”, comenta o reitor da UNESP José Carlos Souza Trindade.

Serão beneficiados os cursos de Engenharia Mecânica, Civil, Elétrica, de Produção e de Materiais, além de Arquitetura e Desenho Industrial. “Os cursos de Engenharia de Alimentos, do *campus* de São José do Rio Preto, e Engenharia Cartográfica, de Presidente Prudente, embora sejam vinculados a outras coordenadorias, estão em fase de diagnóstico e deverão receber investimentos”, esclarece Galdenoro. “Os

R\$ 4,5 milhões se somam aos R\$ 12 milhões já previstos no Programa para execução de obras e reformas nos laboratórios didáticos até 2004”, esclarece Voorwald.

Galdenoro destaca que os R\$ 4,5 milhões se destinam à aquisição de itens que vão de *softwares* didáticos até máquinas de confecção de circuitos impressos. Ele assinala que há uma grande preocupação de aproveitar ao máximo



Voorwald (sentado, ao centro) e grupo do Grupo de Obras e Equipamentos: diagnósticos

os recursos. “Os *softwares* de uso comum estão sendo negociados em bloco com os fornecedores, para baratear custos, e alguns equipamentos serão utilizados por vários cursos e unidades”, explica.

O processo para aquisição de equipamentos iniciou-se em novembro de 2001, quando Galdenoro enviou, para os diretores de unidades com cursos de Engenharia, Arquitetura e Desenho Industrial, uma planilha destinada a apontar as necessidades dos laboratórios didáticos. A partir de julho de 2002, o coordenador realizou, no mínimo, duas visitas a cada um dos *campi* envolvidos. “Pelo menos uma dessas visitas era acompanhada por um engenheiro da Aplo, para verificação da infra-estrutura necessária à instalação dos equipamentos”, afirma. Em setembro, reuniões com as direções das unidades definiram os equipamentos a serem adquiridos, por ordem de prioridade.

Para o diretor da FE de Bauru, Lauro Henrique Mello Chueiri, os novos equipa-

mentos levarão a um salto de qualidade no ensino de graduação. “Há muitos anos não havia na UNESP um investimento tão expressivo nos laboratórios didáticos das engenharias”, diz.

A próxima Coordenadoria a receber recursos será a de Ciências Humanas. De acordo com Herman, os coordenadores de curso e chefes de departamento das unidades relacionadas a essa área já se reuniram, em outubro, em Presidente Prudente. O diagnóstico das necessidades dos laboratórios didáticos será apresentado em 2003. “Não temos a pretensão de resolver as necessidades de todos os laboratórios didáticos, mas estamos apresentando à Universidade um programa que deverá ter continuidade nas próximas gestões”, afirma, destacando a contribuição que a execução do Programa tem recebido do Goe, coordenado pelo engenheiro Brasilino Nildo de Rosa, e da Área de Projetos de Bauru, que tem como responsável o engenheiro José Epaminondas Santos.

AGENDA

RELAÇÃO DOS EVENTOS PROMOVIDOS PELAS UNIDADES NO MÊS DE MARÇO

ARARAQUARA

08/03. Início do Curso de Especialização em **Sexualidade Humana e Educação Sexual**. Na Faculdade de Ciências e Letras (FCL). Informações: (0xx16) 3301-6243, com Cristina.

15/03. Formatura do Curso de **Ciências Econômicas** da FCL. Às 10:30h. No Anfiteatro da Faculdade de Odontologia (FO). Informações: (0xx16) 3301-6234.

22/03. Formatura do Curso de **Pedagogia** da FCL. Às 14h. No Espaço Cultural Paratodos, em Araraquara. Informações: (0xx16) 3301-6234.

BAURU

Março/2003. Cursos de **Terapia Comportamental**. No Centro de Psicologia Aplicada (CPA), *campus* de Bauru. Informações: (0xx14) 230-0562.

BOTUCATU

Março/2003. Recebimento dos resumos e inscrições para o XXIX Congresso Brasileiro de Ciência do Solo, a ser realizado dos dias 13 a 18 de julho de 2003, no Centro de Convenções de Ribeirão Preto - SP. Inscrições pelo site www.araihy.com.br/congresso e informações pelo site www.fca.unesp.br/cbcs

ILHA SOLTEIRA

10/03. Sessão Solene da Criação da **Universidade Aberta à Terceira Idade** - UNATI. Às 14h. Na Faculdade de Engenharia (FE). Informações: (0xx18) 3742-3627, ou cida@adm.feis.unesp.br

JABOTICABAL

11/03. Início do curso de expressão verbal: **A arte de falar em público**. Das 19:30h às 22:30h. Na Fundação de Estudos e Pesquisas em Agronomia, Medicina Veterinária e Zootecnia (Funep). Informações: (0xx16) 3203-1322.

RIO CLARO

29 a 31/03. Curso “Estudo de caso real: análise, discussão e proposição de procedimentos”, que integra o Programa de Formação de Recursos Humanos em Geologia e Ciências Ambientais aplicadas ao Setor de Petróleo e Gás, desenvolvido

pelo Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE) da UNESP e pela Agência Nacional de Petróleo (ANP). Das 8 às 12h, no Centro de Análise e Planejamento Ambiental (Ceapla). Informações: (0xx19) 524-9622 ou dimasdb@rc.unesp.br

SÃO PAULO

6 a 13/03. Inscrições para seleção de candidatos ao Mestrado Acadêmico em Relações Internacionais da UNESP, Unicamp e PUC-SP. A sede do programa é na Praça da Sé, 108 - 3º andar. Informações e inscrições: (0xx11) 3242-7171 - r. 152 ou reinter@reitoria.unesp.br

08/03. Início do Curso de Pós-graduação **Lato Sensu - Gestão Educacional**. No Instituto de Artes (IA). Informações: (0xx11) 274-4733 - r. 224 ou maude@ia.unesp.br, com Maria de Lourdes

08/03. Início do Curso de Pós-graduação **Lato Sensu - Arteterapia / Terapias Expressivas**. No IA. Informações: (0xx11) 274-4733 - r. 250 ou m.aires@ia.unesp.br, com Marli.

11 a 16/03. Curso “**Monitoramento de fauna** em unidades de conservação”. No Parque Estadual da Ilha Anchieta - Ubatuba - SP. Informações: (0xx19) 3289-9019 ou ibcbrasil@mpe.com.br ou www.rc.unesp.br/ib/ecologia/labic.html

10 a 14/03. Curso “**Assessoria de imprensa** para o mercado editorial”. Das 18 às 21h. Na Universidade do Livro. Na Praça da Sé, 108, em São Paulo. Informações: (0xx11) 3242-9555 ou universidadedolivro@editora.unesp.br

15, 22 e 29/03. Curso “**Projeto gráfico: teoria e prática** da diagramação”. Aos sábados, das 9 às 13h. Na Universidade do Livro. Na Praça da Sé, 108, em São Paulo. Informações: (0xx11) 3242-9555 ou universidadedolivro@editora.unesp.br

17/03. Fórum de Pró-reitores de Pesquisa e Pós-graduação da Região Sudeste. Na Fundação Vunesp, Rua Germaine Burchard, 515. Informações: (0xx11) 252-0253 ou 252-0354, com Tânia.

17, 19, 24 e 26/03. Curso “**Produção gráfica** para editoras”. Das 18 às 21h. Na Universidade do Livro. Na Praça da Sé, 108, em São Paulo. Informações: (0xx11) 3242-9555 ou universidadedolivro@editora.unesp.br

18, 20, 25 e 27/03. Curso “**Produção editorial: do original ao livro**”. Das 18 às 21h. Na Universidade do Livro. Na Praça da Sé, 108, em São Paulo. Informações: (0xx11) 3242-9555 ou universidadedolivro@editora.unesp.br

26 a 28/03. Reunião de Diretores Regionais da Associação Universitária Iberoamericana de Postgrado (Auip). Na Reitoria. Informações: (0xx11) 252-0253 ou 252-0254, com Tânia.

História Urbana

Profissional de grande importância no debate nacional e internacional de Arquitetura e Urbanismo, a arquiteta italiana Donatella Calabi realiza duas conferências



Palácio dos Camarlengos, Veneza

no Brasil no mês de março: dia 12, na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP), onde fala sobre “História Urbana Comparada”, e dia 13, na Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (FAAC), *campus* de Bauru, com o tema “Gueto de Veneza”, onde enfoca as mudanças urbanísticas entre os séculos XV e XIX.

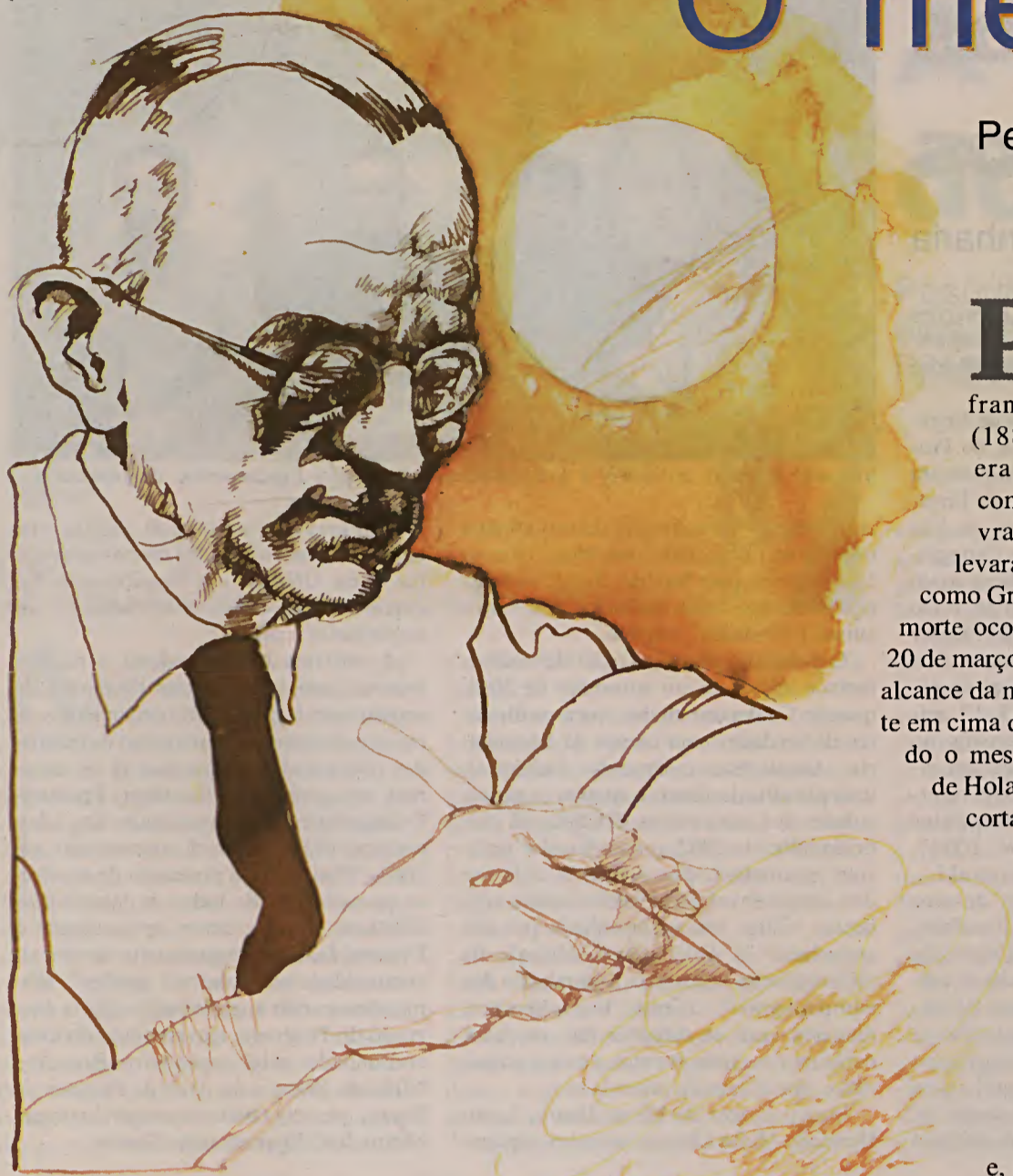
A arquiteta, que integra a Escola de Veneza, participa ainda da banca de defesa da tese de doutorado na FAU-USP em História do Urbanismo do arquiteto Adalberto Retto Júnior, da FAAC, no dia 11 do mesmo mês. Adalberto, que fez estágio de um ano e meio em Veneza, trabalha na tradução e adaptação do livro *História do urbanismo europeu: questões, instrumentos e casos exemplares*, de autoria da própria Donatella Calabi. “As publicações de Donatella são resultado de uma densa pesquisa em arquivos, e de grande importância na historiografia do urbanismo mundial”, diz. A conferência na FAAC é aberta a professores, alunos e profissionais de Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo. Informações: (0xx14) 221-6059.



O mestre Graça

Pesquisadores lembram os 50 anos da morte de Graciliano Ramos

Artur Lopes



Para o escritor, pintor e diretor cinematográfico francês Jean Cocteau (1889-1963), escrever era “dizer o máximo com o mínimo de palavras”. Poucos artistas levaram isso tão a sério como Graciliano Ramos, cuja morte ocorreu há 50 anos, em 20 de março. Maço de cigarro ao alcance da mão, café e aguardente em cima do aparador e, segundo o mestre Aurélio Buarque de Holanda, “de cuecas”, ele cortava e reescrevia seus textos várias vezes, sendo que de cada longa página manuscrita, após rigorosa análise, sobravam dez linhas. As outras, consideradas imprestáveis, eram rasuradas e, às vezes, queimadas com o cigarro para ficarem ilegíveis.

Desse processo, resultaram apenas quatro romances (*Caetés*, *São Bernardo*, *Angústia* e *Vidas secas* – todos essenciais, publicados entre 1933 e 1938), além de livros de memórias, contos, impressões de viagens, crônicas e correspondência. “Sua obra é de pouco vulto quantitativo, mas de imenso valor qualitativo”, avalia Igor Rossini, do Departamento de Literatura da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, *campus* de Assis. “Graciliano é escritor de exatas e enxutas palavras.”

A unidade de Assis, tem, de fato, tradição no estudo do escritor alagoano. “José Carlos Garbuglio, Antonio Candido e Rolando Morel Pinto, três dos maiores estudiosos da sua obra, lecionaram aqui”, lembra Carlos Erivany Fantinati, da FCL. Atualmente, Benedito Antunes é um dos que dá continuidade a esse interesse pela obra de Graciliano na Faculdade. “Sua originalidade está na economia da própria linguagem. Ele passou ao largo de modismos e tendências para trabalhar um estilo capaz de representar questões sociais e políticas de seu tempo”, afirma. “Num período em que o Partido Comunista do Brasil tinha relações subservientes com a então União Soviética, a sua literatura não apresenta traços do realismo socialista. Esse caráter independente é um de seus principais méritos”, acrescenta o historiador José Leonardo do Nasci-

mento, do Instituto de Artes da UNESP, *campus* de São Paulo.

Antunes ressalta a importância da obra de Graciliano. “*São Bernardo* é quase didático no perfil de Paulo Honório, o capitalista que ascende e decai; *Angústia* revela intimismo na representação da impotência de agir do protagonista; e *Vidas secas* atinge requintada simplicidade”, avalia. “É impossível pensar hoje em ‘seca’ ou ‘retirantes’ sem lembrar do sofrimento de Fabiano e da cadela Baleia, em *Vidas secas*”, completa Robson dos Santos, 22 anos, quartanista do curso de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP, *campus* de Marília.

Santos, que desenvolve monografia, com bolsa de iniciação científica da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), sobre a obra de Graciliano Ramos, considera *Angústia* o melhor livro do artista nordestino. “Iguala-se a *Memórias do subterrâneo*, de Dostoiévski, pois é o romance da contradição, do desejo, da frustração, da impossibilidade e da morte”, diz. “Nesse livro, Ramos se afasta consideravelmente do paradigma genérico que impera no movimento da geração de 1930, ou seja, o regionalismo”, concorda Rossini.

Nascimento lembra ainda que *Vidas secas* foi levado para o cinema, em 1963, por Nelson Pereira dos Santos. “São duas obras-primas, marcadas pelo embotamento das palavras, por personagens solitárias. Elas narram a vida interior densa de pessoas reduzidas à miséria e assoladas pela seca”, aponta. “Fabiano é socialmente um fraco, humilhado pelo Coronel e pelo soldado amarelo, mas individualmente, um forte, um herói aos olhos do menino mais novo.”

Para os pesquisadores, a contenção linguística de Graciliano é o seu maior legado para a literatura brasileira. “A beleza de sua estética literária está na fala escassa daqueles que sofrem”, afirma Santos. “Ele praticou uma linguagem essencial, contida e forte”, destaca Antunes, lembrando que, nesse aspecto, ele tem um irmão literário, o pernambucano João Cabral de Melo Neto, que, em poema sobre o mestre Graça, escreveu: “Falo somente por quem falo: por quem existe nesses climas/ condicionados pelo sol,/ pelo gavião e outras rapinas:// e onde estão os solos inertes/de tantas condições caatinga/em que só sabe cultivar/o que é sinônimo de míngua”.

Oscar D’Ambrosio

Angústia existencial

A trajetória de um clássico

Se fosse um romance, a vida de Graciliano Ramos seria um best seller. Sua trajetória é repleta de angústia e sofrimento. Nascido em Quebrangulo, AL, em 27 de outubro de 1892, foi caminhando – como Fabiano, Sinhá Vitória, os meninos e a cadela Baleia, em *Vidas secas* – junto com o pai, comerciante, com menos de três anos, em meio à seca, para Buíque, PE. Com uma doença nos olhos que lhe deixava as pálpebras inflamadas, era chamado de “cabra-cega” pela mãe. Publica seu primeiro texto, “O pequeno pedinte”, em 1904 e, aos 18 anos, muda-se para Palmeira dos Índios, AL, onde trabalha na loja de tecidos do pai. Quatro anos depois, vai para o Rio de Janeiro, para trabalhar como revisor, mas logo retorna e se estabelece. Casa-se com Maria Augusta de Barros, paixão da adolescência, que morre, em 1920, ao dar à luz ao quarto filho do casal.

Seis anos depois, com o assassinato do prefeito em uma briga política, é eleito para o cargo. Abre estradas, mata cachorros sem dono e multa o próprio pai por deixar animais soltos nas ruas da cidade. Conhece a jovem Heloísa, com quem se casa em apenas 45 dias, e escreve relatórios ao governo estadual numa linguagem literária que logo chama a atenção. Consegue assim espaço para, quatro anos depois, em 1933, fazer a sua estréia em livro, com *Caetés*.

Convidado para dirigir, em Maceió, a Imprensa Oficial do Estado, aceita, mas logo se decepciona com a vida de burocrata e retorna a Palmeira dos Índios. Com a Revolução de 1930, é chamado para ser diretor da Instrução Pública, uma espécie de secretário da educação. Rígido, chega de surpresa aos grupos escolares, sabatina professoras e implanta a merenda escolar e cursos de aperfeiçoamento.

Considerado homem de esquerda, embora só viesse a se filiar ao PCB em 1945, é preso em 1936. Durante quase um ano, passa por carceragens em Maceió, Recife e Rio de Janeiro, na Colônia Correccional de Ilha Grande, em episódios narrados no livro *Memórias do cárcere*, publicado em 1953. Deixa a prisão, doente, em 1937. Pobre, mora com a esposa e duas filhas pequenas numa pensão carioca, onde escreve, em capítulos autônomos, para serem facilmente vendidos, *Vidas secas*. Arruma novo emprego público e se estabelece no Rio. Em 1953, é internado na Casa de Saúde São Vitor, com câncer de pulmão, resultado de uma vida de fumante inveterado. Falece em 20 de março, ainda sem ver respondida a pergunta que fizera em carta à mulher Heloísa, ao escrever *São Bernardo*, publicado em 1934: “Quem sabe daqui a 300 anos eu não serei um clássico?”. (O.D.)



Vidas secas: cadela Baleia, ícone da seca